

## A Arte que sobrou da Guerra

Paulo Miceli<sup>1</sup>

Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - Universidade Estadual de Campinas  
[pmiceli@terra.com.br](mailto:pmiceli@terra.com.br)

### RESUMO

Sem aprofundar a análise das razões que levaram os holandeses à ocupação do Nordeste brasileiro – o que, em síntese, faz parte da guerra mais ampla que acompanhou a expansão européia, desde seu início -, importa registrar que a intensidade dos conflitos acabou representada por cartógrafos e artistas, que desenharam o extenso cenário onde se travavam as lutas pelo domínio do território. Da presença holandesa nas costas nordestinas resultou grande quantidade de mapas, gravuras e pinturas, representando cidades, vilas e fortificações, imagens de batalhas, exemplares da flora e da fauna, além de tipos étnicos e cenas da vida cotidiana. Na vastíssima produção originária dos Países Baixos destacaram-se cientistas como Piso e Marcgrave, artistas (Frans Post e Eckhout), cartógrafos e editores (Blaeu, Hondius, Visscher, Mortier e muitos outros), além de cronistas e historiadores, com obras abundantemente ilustradas, dentre os quais podemos destacar Barleus, De Laet, Montanus, Commelyn e Van der Aa. Durante a estadia dos batavos no Nordeste brasileiro, destacou-se João Maurício de Nassau-Siegen, que chegou a Pernambuco em 1637. Para rebater as críticas que ele recebia na Holanda, Barleus registrou suas realizações em belíssimo livro, ilustrado por Frans Post, conhecedor sensível das paisagens nordestinas. Um dos monumentos históricos fundamentais sobre o Brasil seiscentista, a obra foi primorosamente impressa por Blaeu, em Amsterdã, conquistando fama e admiração imediatas, apesar da fatalidade que atingiu os exemplares ainda não comercializados do livro, queimados no incêndio que atingiu o valioso patrimônio das oficinas blavianas. O nome de Post também está associado ao livro do carmelita português João Noronha Freire, editado na Itália, em 1698, dedicado à guerra entre Portugal e Holanda.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cartografia histórica; Brasil holandês; Cartógrafos e impressores, História do Brasil

### I - O PERIGO QUE VEM DO MAR

*“E tal foi a tempestade de fogo e ferro, tal o estrondo e confusão, que a muitos causou perturbação e espanto; porque, por uma parte os muitos relâmpagos fuzilando feriram os olhos, e com a nuvem espessa do fumo não havia quem se visse; por outra, o contínuo trovão da artilharia tolhe o uso das línguas e orelhas; e tudo junto, de mistura com as trombetas e mais instrumentos bélicos, era o terror a muitos, e confusão a todos...” (Padre Antônio Vieira)*

---

<sup>1</sup> Professor Livre Docente em História Moderna.

As palavras de Vieira – monumento de estilo –, como sempre, dizem bem e muito. Não é difícil imaginar os sentimentos e sensações que o acometeram, naquele 8 de maio de 1624, quando as velas dos trinta e três navios que formavam a esquadra holandesa apareceram à frente da capital do Brasil. Salvador foi conquistada no dia seguinte, de nada adiantando as providências tomadas pelo governador Diogo de Mendonça Furtado que, alertado pela corte de Madri, determinara a melhoria das fortalezas de Santo Antônio e Itapagipe, além do erguimento de uma bateria (Forte do Mar) à frente da cidade e da construção de uma linha de trincheiras para sua proteção terrestre. Venceram os holandeses.



Figura 01: Afbeeldinge in Wat Manier de Silver Vloot vanden Generael Pieter Pietersen Heyn Verdoouert Is, 1628.<sup>2</sup>

Passado o primeiro impacto, organizou-se a resistência, tendo a reconquista da cidade se efetivado em 1º de maio de 1625, após a rendição do comandante Ernst Kijf, frente à investida das poderosas forças reunidas pela chamada *Jornada dos Vassalos*, organizada diretamente por Filipe IV e comandada por Fradique de Toledo Osório, marquês de Villanueva de Valdueza. Perdida a capital – e sempre enfrentando a resistência organizada pelos colonizadores – os holandeses iniciaram a ocupação de outras regiões do Nordeste: Pernambuco, Itamaracá, Rio Grande e Paraíba (1630-36). A partir de 1637, com a chegada de João Maurício de Nassau, teve início um período favorável aos holandeses – que atacaram novamente Salvador (1638), ocuparam Sergipe e retomaram o Maranhão (1640-41). A resistência dos colonizadores, acirrada após a insurreição em Pernambuco (batalhas de Guararapes, em 1648 e 1649), resultou na

<sup>2</sup> O general Pieter Pieterszoon Heyn (1577-1629) – que aparece no medalhão do mapa – era vice-almirante da frota holandesa que chegou à Bahia em 8 de maio de 1624, comandada por Jacó Willekens. Tendo ingressado como grumete na Marinha de Guerra, distinguiu-se nas lutas contra a Espanha, o que lhe valeu a conquista dos mais altos postos das forças batavas, e foi justamente em uma batalha contra aquele país ibérico que ele morreu, próximo de Dunquerque.

reconquista de grande parte do território ocupado. Passaram, então, os holandeses à defesa das praças ainda em seu poder (Recife, Itamaracá, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará e Fernando de Noronha), perdidas em janeiro de 1654, graças à intervenção da Companhia Geral do Comércio do Brasil (criada no ano anterior, por sugestão do Padre Antônio Vieira), que organizou uma grande esquadra para retomar definitivamente o Recife.

Não cabe, aqui, aprofundar a análise das razões que levaram os holandeses à ocupação do Nordeste brasileiro o que, em síntese, faz parte da guerra mais ampla deflagrada pela expansão européia, desde seu início –, mas convém reter, apenas, alguns dados da intrincada trama de interesses que marcaram as relações entre as monarquias européias e suas colônias. Em 1580, ao morrer o cardeal D. Henrique, rei português, Felipe II, da Espanha, foi aclamado como Felipe I de Portugal, iniciando-se o período – encerrado em 1640 – em que estiveram unidas as duas coroas ibéricas. Desde o reinado de D. Manuel I (1495- 1521), as relações de Portugal com a Holanda eram amistosas, mas a associação com a Espanha pôs os portugueses em conflito com os países que com ela rivalizavam – além da própria Holanda, a França e a Inglaterra. Assim, enquanto o monarca da União Ibérica mandava confiscar os navios holandeses ancorados nos portos da Península – em 1585, 1590, 1595 e 1599 –, intensificavam aqueles os ataques aos domínios ultramarinos de Portugal e Espanha.



Figura 02: COMELIN, Isaak<sup>3</sup>. *Villa D Olinda D Pernambuco*, 1633.

<sup>3</sup> A Isaak Commelin deve-se uma biografia de Frederico Henrique de Nassau, o Príncipe de Orange, edições na Holanda (1651) e França (1656), na qual foram incluídas seis imagens do Brasil.

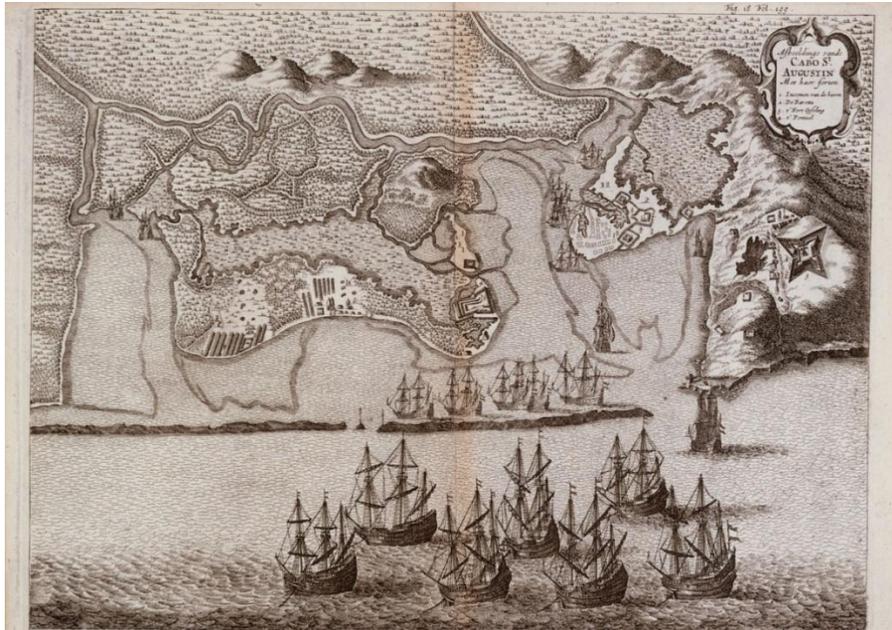


Figura 03: COMELIN, Isaak. Asbeeldinge vande Cabo St. Augustin met Haer Forten, 1633.

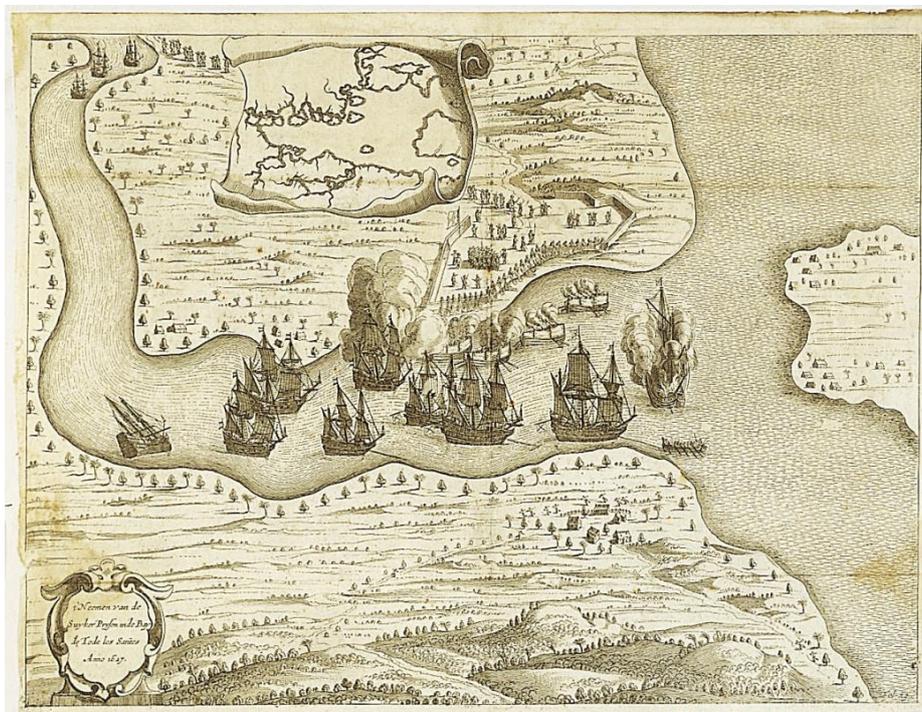


Figura 04: COMMELIN, Isaak. t'Neemen van de Suyker Prysens inde Bay de Tode los Santos (Tomada de um carregamento de açúcar na Baía de Todos os Santos), 1627.

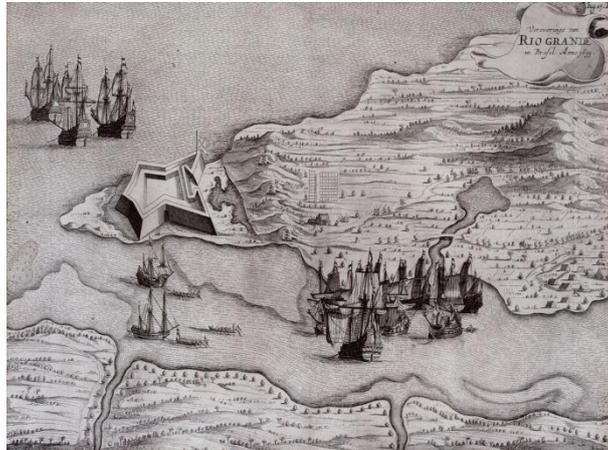


Figura 05: COMELIN, Isaak. *Verovering van Rio Grande in Brasil, 1633*.

Até aqueles anos, o último povoamento luso-brasileiro na direção do Nordeste era Goiana, na capitania de Itamaracá. Os potiguares, aliados dos franceses, que faziam o tráfico de pau-brasil e âmbar, ainda eram senhores dos territórios da atual Paraíba, representando forte obstáculo ao avanço da conquista, então retida na florescente capitania de Pernambuco. Os holandeses, por sua vez, também visitavam intensamente a região, desde pelo menos 1587, mas seus planos em relação ao Brasil eram bastante ambiciosos.

Quando Salvador foi tomada, fazia dez anos que Antônio Vieira chegara à cidade, acompanhando o pai, que ia assumir um cargo de escrivão, recebido por dote. Em 1623, atingira o noviciado e, no exato ano da chegada da esquadra comandada por Willekens, recebeu da Companhia de Jesus a incumbência de redigir a *Carta Ânua* – relato anual das atividades dos inicianos aos superiores de Lisboa –, com o que também se assinala o início de sua magnífica carreira literária. Vieira opôs-se, veementemente, aos holandeses, condenando o descaso da Metrópole, “que não se interessava pelo bem do Brasil, mas pelos bens do Brasil...” Mas, de nada adiantou queixar-se o jesuíta, pois a presença holandesa se estendeu por três décadas.



Figura 06: ARTISEBOWSKY, *Eroberung des Bestung Povaçon zu Porto Calvo, in Brasilia, durch Graff Joh. Mauritz von Nassau General in Brasilien, im Februario und Martio Anno 1637.*

Antes da investida holandesa, a administração colonial já havia adotado medidas para tentar defender os territórios do Nordeste, ordenando a construção de fortificações: Filipéia de Nossa Senhora das Neves (1584)<sup>4</sup>, Forte de São Luís do Cabedelo – depois, Forte de Santa Catarina do Cabedelo – e Cidade Real de São Cristóvão do Rio de Sergipe (1590), intensificando as campanhas de conquista – no caso de Sergipe, com intensa participação dos jesuítas<sup>5</sup> (1589) –, na Paraíba (1586-87) e no Rio Grande do Norte (1597-98), tendo origem aí Natal e Cidade Real, além do Forte dos Reis Magos.

Concluída a conquista da costa oriental do Brasil, “o movimento expansionista prosseguiu pela costa impropriamente denominada *leste-oeste*, rumo ao Maranhão, onde haviam falhado as tentativas colonizadoras dos donatários. A orla marítima entre Natal e Maranhão (...) oferecia obstáculos à ocupação. Seu litoral era inóspito e arenoso, sem bons portos e impróprio para a agroindústria do açúcar. Em 1605, Pero Coelho de Sousa tivera que abandonar a colonização do Ceará, por causa do conflito com os índios e

<sup>4</sup> Filipéia, assim chamada, em homenagem ao rei Filipe, depois Paraíba e – hoje – João Pessoa, capital do Estado. A luta contra os franceses e potiguares foi comandada pelo espanhol Castejón e pelo governador Frutuoso Barbosa, com a decisiva participação do Ouvidor-Geral, Martim Leitão – chamado por Frei Vicente do Salvador o *General da conquista*. Aliando-se aos tabajaras, Martim Leitão venceu os franceses e os potiguares, conseguindo expulsá-los de Filipéia e do Forte de São Felipe.

<sup>5</sup> Especialmente, o Padre Gaspar Lourenço e o Irmão João Saloni, responsáveis pela construção das igrejas de São Tomé, Santo Inácio e São Paulo. Registre-se que a *pacífica* incorporação dos indígenas ao projeto colonizador foi comprometida pelo governador do Norte, Luís de Brito de Almeida, que ordenou o aprisionamento dos indígenas já conquistados pelos jesuítas. Em 1575, cerca de 1200 deles foram levados, como escravos, a Salvador, morrendo a quase totalidade deles, por causa de doenças epidêmicas. Em 1589, três anos depois da derrota frente aos franceses, agora aliados aos tupis, partiu de Salvador rumo a Sergipe uma grande expedição marítima e terrestre. Desta vez, a campanha foi vitoriosa, tendo os colonizadores fundado o forte que deu origem à cidade de São Cristóvão do Rio de Sergipe, em 1590.

os rigores da seca. Ela finalmente realizou-se, graças aos esforços de Martim Soares Moreno, que iniciou seu povoamento em 1611, ao fundar o Forte de São Sebastião na foz do Rio Ceará, origem da cidade de Fortaleza. Com o propósito de alcançar o Maranhão, outro forte se estabeleceu mais além, ainda na costa do Ceará, o de Nossa Senhora do Rosário, na Enseada das Tartarugas ou de Jericoacara, próximo a Camocim, em 1613. Devia servir de base ao combate contra os franceses, estabelecidos no golfo maranhense” (ADONIAS, 1993, 116), sob o comando do Senhor de la Ravardière, Daniel de la Touche, que ali fundara, em 1612, a Povoação e o Forte de São Luís.



Figura 07: PISCATOR, Nicolaus Ioannis [Nicolas Visscher, 1618-1679], *Hanc Tabulam continens Laetam Pharnambuci Victoriam, Amplissimis prudentissimisque Dominis de Societatis Indiae occidentalis Curatoribus*

A intensidade de todos esses conflitos, como não poderia deixar de ser, acabava reproduzida pelos cartógrafos, que desenhavam – a serviço de sua arte e/ou de seus governos – o extenso cenário, onde se travavam as lutas pelo domínio do território. Por exemplo, “o documento cartográfico mais interessante da região Nordeste, no período quinhentista, é um belo mapa da costa que se estende da embocadura do Maranhão até o Rio Real, em pergaminho iluminado, de autoria do francês Jacques de Vau de Claye<sup>6</sup>, feito em Dieppe no ano de 1579. É, certamente, fruto de uma viagem secreta, que parece estar relacionada com a disputa do trono de Portugal, por parte de vários pretendentes à sucessão do Cardeal D. Henrique”

<sup>6</sup> No *Tooley's Dictionary of mapmakers* – Compiled by Ronald Vere Tooley, with a preface by Hellen Wallis, o cartógrafo é referido como Jacques de Vaulx de Claye (Tring, Hertfordshire, 1979, p. 119). Em BAGROW, Leo. *History of cartography* – edited by R.A. Skelton, Jacques de Vaulx, “norman seamen” (c. 1555-97), é apresentado como autor de um manual manuscrito de navegação com mapas, feito em 1583, além de uma carta manuscrita da América, datada de 1584 (London, C. A. Watts & Co. Ltd., p. 276). Neste último livro, faz-se referência ao irmão mais novo de Jacques de Vaulx, Pierre, responsável por uma carta manuscrita do Oceano Atlântico, feita em 1613, um ano depois da fundação da Povoação e Forte de São Luís, no Maranhão, pelo francês Daniel de la Touche.

(ADONIAS, 1993, p. 116). No valioso monumento, além de cenas da vida dos indígenas, há informações que dão conta de que não menos do que 10 mil deles poderiam ajudar os franceses numa guerra contra os portugueses.



Figura 08: Jacques de Vau de Claye, *Dieppe*, 1579.

Quanto à cartografia portuguesa, a região também apareceu representada em um dos mais importantes trabalhos de Luís Teixeira. A família Teixeira, constituiu a principal escola cartográfica portuguesa do período que vai da segunda metade do século XVI (Luís Teixeira) até 1675 (João Teixeira Albernaz, o Jovem), e seu fundador foi responsável por pelo menos três mapas da costa do Nordeste, durante os primeiros anos da União Ibérica, incluídos no *Roteiro de Todos os Sinais...*<sup>7</sup>. Aí está representado Pernambuco, com a vila de Olinda e o porto do Recife, tendo à frente alguns navios ancorados; o Cabo de Santo Agostinho e a Baía de Todos os Santos, apresentada de modo bastante detalhado. O território que os luso-brasileiros disputaram aos franceses (Ceará e Maranhão) acha-se representado em dois mapas de um códice pertencente ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, desenhados em c. 1626. Atribuído a Diogo de Campos Moreno, o texto é complementado por 22 mapas, desenhados por João Teixeira Albernaz, o Velho. Destaque-se que, em alguns mapas do valioso monumento cartográfico, foram representados, pela primeira vez, os sítios dos Abrolhos, Sergipe, Rio São Francisco, Forte Novo da

<sup>7</sup> O *Roteiro de todos os sinais conhecimentos, fundos, baixos, Alturas, e derrotas, que ha na Costa do Brasil desdo cabo de Sato Agostinho até o estreito de Fernão de Magalhães* compõe-se de treze cartas, desenhadas a partir de levantamentos feitos durante os anos de 1573 a 1578. Após o terremoto de 1755, o *Atlas* foi incorporado ao acervo da Biblioteca da Ajuda, em Lisboa, tendo sido vendido a D. José I pelo terceiro conde de Redondo, Fernão de Sousa Coutinho.

Passagem, Capitania de Itamaracá, Paraíba ou Rio de São Domingos e Rio Grande, com o Forte dos Reis Magos (ADONIAS, 1993, p. 116).

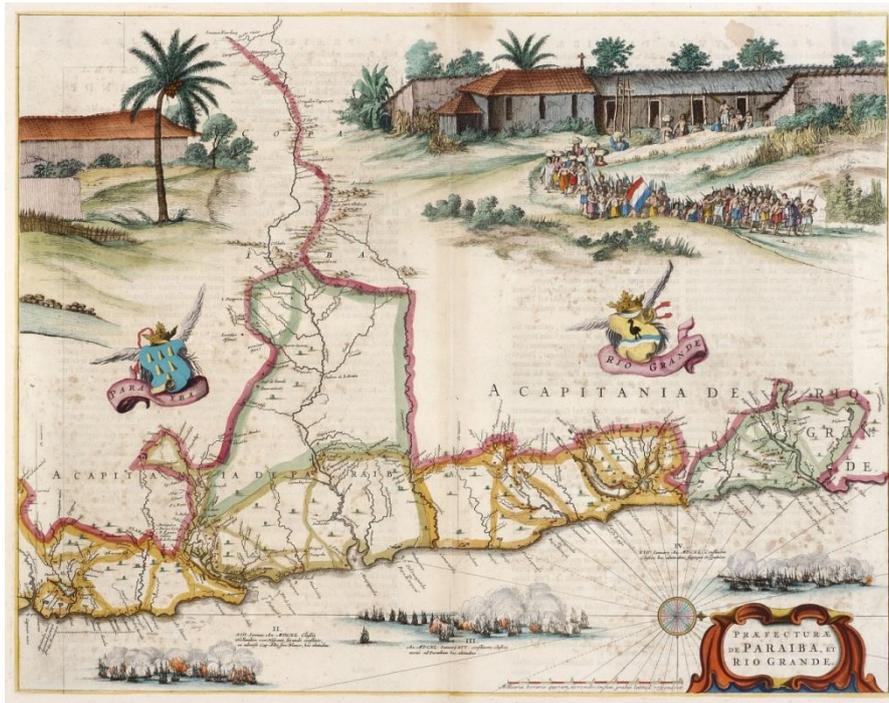


Figura 09: Georg Markgraf, *Praefecturae de Paraiba et Rio Grande e Praefectura de Cirili, vel Seregippe del Rey cum Itãpuáma*<sup>8</sup>.

<sup>8</sup> Os mapas de Markgraf, com cartuchos desenhados por Frans Post, foram incluídos por Blaeu, na edição do livro de Barleus, *Rerum per octennium in Brasiliën...* (1647), aparecendo, depois, no monumental *Grooten Atlas, oft werelt-beschrijving, in welch'e aerdryck, de zee, em hemel, wordt em beschreven. Eerste - negende stuck*, editado por Joan Blaeu, em 15 volumes (Amsterdã, 1664).



Figura 10: MARKGRAF, Georg. *Praefectura de Cirili, vel Seregippe del Rey cum Itãpuãma.*

Em que pese a importância que esses registros cartográficos tiveram para compor o desenho do Brasil, é imperioso registrar, à parte, o significativo impulso que para isso foi dado pela presença holandesa nas costas nordestinas, por conta da excelência de seus artistas, cosmógrafos e engenheiros, aos quais são devidas “centenas de mapas, cartas, plantas, vistas, gravuras, desenhos e pinturas [que] mostram as capitanias submetidas ao domínio holandês e suas cidades, vilas e fortificações; as batalhas terrestres e navais; as atividades econômicas predominantes; os espécimes da flora e da fauna que tanta curiosidade despertaram; a diversidade das paisagens e os tipos étnicos e seus costumes e usos. Nessa vastíssima produção de origem holandesa destacam-se os nomes de cientistas como [o médico] Piso e [o botânico e astrônomo] Marcgrave; de artistas, a exemplo de Frans Post e Eckhout; de cartógrafos e editores renomados, entre os quais J. Blaeu, J. E. H. Hondius, N. C. Visscher, C. Golijath, H. Allard, C. De Jonghe, P. Mortier e muitos outros. E ainda os cronistas e historiadores contemporâneos, cujas obras se acham enriquecidas com belíssimos espécimes cartográficos e iconográficos: C. Barleus, J. De Laet, A. Montanus, I. Commelyn, J. Nieuhof, F. Plante e P. Van der Aa” (ADONIAS, 1993, p. 116).

Durante a estadia dos batavos no Nordeste brasileiro, ganhou destaque a figura de João Maurício de Nassau-Siegen, que chegou a Pernambuco em 27 de janeiro de 1637, para um governo que se estenderia até maio de 1644. Capistrano de Abreu fez dele expressivo retrato: “os últimos anos de seu governo cabem em poucas palavras. Da obra do administrador nada sobrevive; seus palácios consumiram-se na voragem do fogo e sangue dos anos seguintes; suas coleções artísticas enriqueceram vários estabelecimentos da Europa e

estão estudando-as os americanistas; os livros de Barleus, Piso, Marcgraf<sup>9</sup>, devido a seu mecenato, atingiram uma altura a que nenhuma obra portuguesa ou brasileira se pode comparar, nos tempos coloniais” (ABREU, 1998, p. 99)



Figura 11: MONTANUS, Arnoldus. S. Salvador, 1671<sup>10</sup>.

Barleus (Caspar van Baerle) foi responsável pelo livro<sup>11</sup> dedicado às realizações de Nassau em Pernambuco, enquanto ele exerceu o governo com o título de “Gouverneur-Capiteyn ende Admirael-Generael”, isto é, “Governador, Capitão e Almirante General”. Trata-se de uma bela argumentação defensiva de Nassau, para enfrentar as críticas que ele vinha recebendo na Holanda: “Escritor de méritos superiores – escreveu Varnhagen (1955, p. 17 e18) – Barleus era preclaríssimo poeta, assim na língua holandesa, como na latina, cujos primorosos versos, comparados aos melhores da Antiguidade, lhe granjearam muita nomeada, agudo teólogo (protestante), penetrante filósofo e distinto doutor em medicina, consagrou Barleus os seus últimos anos a essa história, que publicou em Amsterdã em 1647, vindo a

<sup>9</sup> Ao alemão Georg Markgraf deve-se a construção do primeiro observatório astronômico do Novo Mundo.

<sup>10</sup> Arnold Montanus publicou, em 1671, o livro *Die Nieuween Onbekend Weereld van America*, dedicando ao Brasil parte considerável do texto e das imagens (dentre as quais, dezesseis mapas), especialmente relativos à presença holandesa no Nordeste. Esses mapas foram reproduzidos por John Ogilby, na edição inglesa da obra. O geógrafo, historiador, editor e cosmógrafo real (1671) John Ogilby (1600-1676) nasceu em Edimburgo e morreu em Londres. Em 1675, foi responsável pela edição dos primeiros mapas rodoviários da Inglaterra (*Britannia*, v. 1), sendo pioneiro no uso do padrão de milha de 1760 jardas.

<sup>11</sup> *Rerum per Octennium in Brasilia Et Alibi nuper gestarum, Sub Praefectura Illustrissimi Comitis I. Mavritii, Nassoviae, & Comitis, Nunc Vesaliae Gubernatoris & Equitatus Foederatorum Belgii Ordd. Sub Avriaco Ductoris, Historia*, Amstelodami, Ex Typographeio Ioannis Blav, 1647.

falecer logo depois, em 14 de janeiro de 1648, aos 64 anos de idade, com o cérebro mui debilitado”<sup>12</sup>. Entretanto, ponderou Varnhagen (1955, p. 18), o fato de Barleus ter “deixado de consultar alguns documentos ou autoridades do lado dos nossos foi causa das muitas incorreções que a obra contém, nos nomes próprios e geográficos portugueses e do Brasil”.<sup>13</sup>



Figura 12: ORAZI, Andréas Antonio<sup>14</sup> (Grav. VINCENT, Hubert). *Prospetto della Fortezza di Rio Grande*, Roma, 1698.

O livro de Barleus ganhou beleza e valorizou-se sobremaneira, por conta das ilustrações que para ele fez Frans Post, conhecedor sensível das paisagens nordestinas e companheiro de Nassau, em 1638, quando o governador holandês viajou pela Paraíba e Rio Grande do Norte. Um dos monumentos históricos fundamentais sobre o Brasil seiscentista, a obra foi primorosamente impressa por Blaeu, em Amsterdã, conquistando fama e admiração imediatas, apesar da fatalidade que atingiu os exemplares ainda não comercializados do livro, queimados no incêndio que atingiu o valioso patrimônio das oficinas blavianas.

<sup>12</sup> Em nota a essa passagem, escreveu Varnhagen: “É mui possível que para isso concorresse o grande esforço que pôs para escrever esta história, em tão pouco tempo, e em tal idade. Segundo Moret, chegou a adquirir horror ao fogo, julgando ter o corpo de palha ou de manteiga, e não falta quem acrescente que morreu lançando-se a um poço”.

<sup>13</sup> Como exemplo, Varnhagen anotou que “entre outras faltas que deixamos de advertir, v. gr. Cabo Delo, em vez de Cabedelo, Openeda em vez de Penedo, e fazendo crer, referindo-se à de Porto Calvo, que Povoação (que se corrompe em Povacaona) era o nome de uma fortaleza. (...) Também citaremos aqui o dizer-se uma vez no livro Afogadis por Afogados, e Seregipa por Sergipe, e sempre Banjola por Bagnuolo”. (Cf. *Op. cit.*, p. 18.)

<sup>14</sup> Andreas Antonio Orazi [Andreas Antonius Horatius] (1670?) foi responsável pelas ilustrações da *Istoria delle Guerre Del Regno del Brasile*, do carmelita português João José de Santa Teresa, publicada em Roma, em 1698, e dedicada à guerra que, pelo Brasil, travaram Portugal e Holanda. Os trabalhos de gravação das imagens - claramente inspiradas nos desenhos que Frans Post fez para ilustrar o livro de Gaspar Barleus - foram entregues a alguns dos melhores profissionais da época, como o italiano Giovanni Girolamo Frezza e os franceses Benoît Jorjat e Vincent Hubert.



Figura 13: ORAZI, Andréas Antonio (Grav. VINCENT, Hubert). *Prospetto della Città Maurizea Capitale della Provincia di Pernambuco*.

É possível, ainda, associar o nome de Frans Post ao livro que o carmelita português João Noronha Freire editou na Itália, em 1698, especialmente dedicado à guerra entre Portugal e Holanda. Ao tornar-se carmelita, João Noronha Freire adotou o nome de João José de Santa Teresa, e é assim que assina sua *Istoria delle guerre del regno del Brasile accadute tra la corona di Portogallo, e la Repubblica di Olanda*.<sup>15</sup> A responsabilidade pelas imagens de vistas, plantas, fortalezas e rios que ilustram o livro foi de Andreas Antonius Horatius [Orazi] (1670-?), tendo sido gravadas por alguns dos mais famosos artistas da época: Benoit Farjat, Hubert Vincent e Giovanni Girolamo Frezza. A edição foi subvencionada pelo próprio rei de Portugal, D. Pedro II, retratado na abertura do livro, hoje raríssimo, de Santa Teresa – o qual pode ser considerado “uma das mais suntuosas obras publicadas no século XVII sobre o Brasil” (ADONIAS, 2004, p. 35), sendo notável a influência de Frans Post na composição das bonitas vistas que o ilustram, todas copiadas dos desenhos que o artista holandês fez para a obra de Barleus.

<sup>15</sup> Roma, Nella Stamperia degl'Eredi del Corbelletti, 1698.

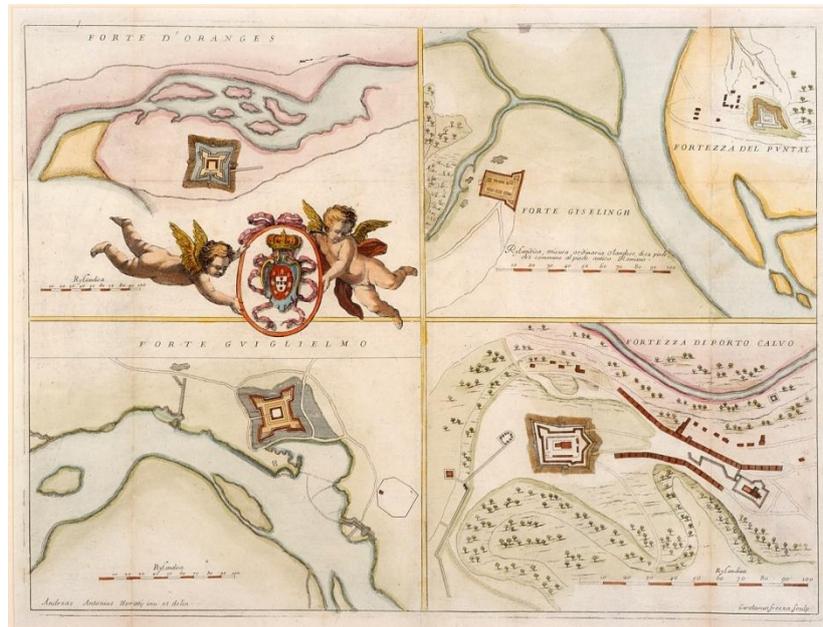


Figura 14. ORAZI, Andréas Antonio (Grav. FREZZA, Giovanni Girolamo). Forte d'Oranges - Fortezza del Puntal - Forte Guiglielmo - Fortezza di Porto Calvo. 1698.

Enfim, a “tempestade de fogo e ferro”, que provocou “terror a muitos e confusão a todos”, deixou rastros de destruição e morte, mas acabou immortalizada em imagens forjadas pela força de canhões, afinal silenciados. Nada disso embeleza ou justifica a guerra, mas parece irônico que de tantas batalhas, movidas pela violenta rivalidade entre nações, que se enfrentavam para assenhorear-se do mundo, tenha sobrado principalmente a arte, representada por monumentos culturais capazes de produzir, séculos depois, profundo encantamento.

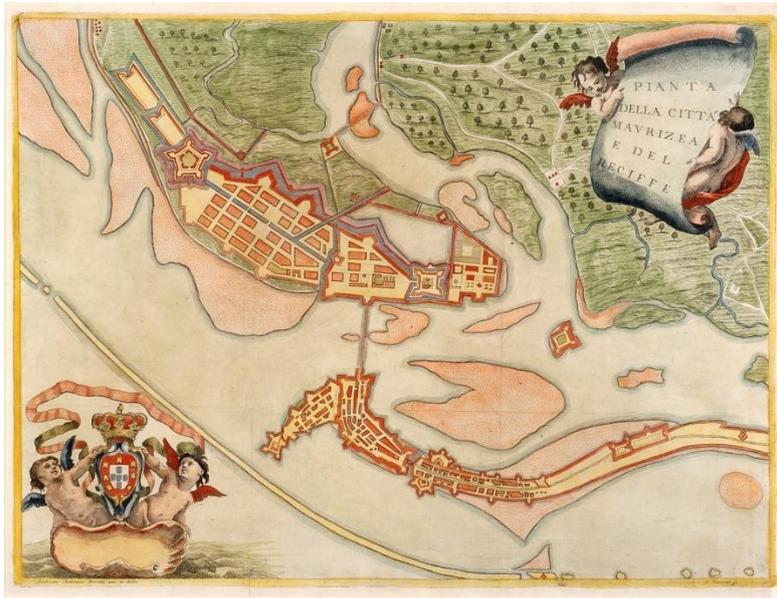


Figura 15: ORAZI, Andréas Antonio (Grav. VINCENT, Hubert). *Pianta della Città Maurizea e del Recife*, 1698.

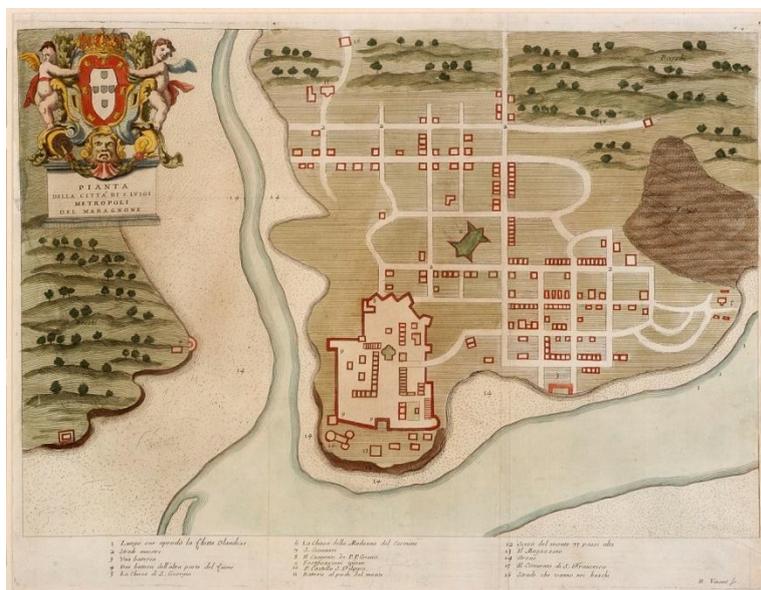


Figura 16: ORAZI, Andréas Antonio (Grav. VINCENT, Hubert). *Pianta della Città di S. Luigi Metropoli del Maragnone*, 1698.

## II - UMA ILHA, NOMES E HISTÓRIAS

No mapa de *Cantino*, à altura do Nordeste brasileiro, figura uma ilha distante do litoral. Abaixo dela, em vermelho, seu nome: *Quaresma*. É esta a primeira referência cartográfica que se conhece sobre a ilha, situada a cerca de 400 km do litoral pernambucano. Em nota à *História geral do Brasil*, de Varnhagen (s/d, pp. 117 e 118), com base na carta que Pero Rondinelli escreveu em Sevilha, a 3 de outubro de 1502 – contemporânea, portanto, da carta de Cantino –, Capistrano de Abreu escreveu que “a terra do Brasil foi arrendada a alguns cristãos novos, com a condição de todos os anos mandarem seus navios a descobrir trezentas léguas de terra para diante, fazerem uma fortaleza no descoberto e conservarem-na três anos: no primeiro, nada pagariam, no segundo pagariam um sexto, no terceiro um quarto do que levassem para o reino”. Em seguida, o autor de *Capítulos de história colonial* anotou que, “no relatório de Cha de Masser<sup>16</sup>, escrito de 1506 a 1507, e publicado no volume da Academia das Ciências de Lisboa, comemorativo do descobrimento da América, lê-se que o arrendamento era de vinte mil quintais de pau-brasil, de que um custava meio ducado e se vendia por dois e meio a três. O arrendatário, Fernão de Noronha, cristão novo, tinha contrato por dez anos<sup>17</sup>, e cada ano pagava quatro mil ducados. (...) É pouco provável que aqui jamais viesse, embora a carta de doação da ilha, primitivamente de S. João e mais tarde de Fernão de Noronha, insinue aparentemente o contrário”. Sobre Noronha, há informações que o referem como cavaleiro da Casa Real (1494) e credor da Fazenda Real da Casa da Índia, o que lhe deu a mercê de cidadão de Lisboa, com todos os privilégios, liberdades e franquias a isto relacionados. Rodolfo Garcia, na mesma edição da *História geral*, complementou a nota de Capistrano de Abreu, com a informação de que, pelo documento de 24 de janeiro de 1504, fez-se doação da “ilha de San Johan que ele ora novamente achou e descubryo cinquenta leguas alla mar da nossa terra de Sancta Cruz”, de onde Varnhagen deduzira que Noronha foi o *descobridor* da ilha – que se tornaria a primeira capitania hereditária do Brasil –, provavelmente, a 24 de junho de 1503.<sup>18</sup>

<sup>16</sup> Trata-se da *Relazione di Lunardo da Cà Masser*.

<sup>17</sup> A doação a Fernão de Noronha [Loronha] – que encabeçava uma sociedade de mercadores – foi renovada por D. João III, a 3 de março de 1522.

<sup>18</sup> Rodolfo Garcia continuou a nota, acrescentando que Rio Branco, nas *Ephemerides Brasileiras*, p. 44, afirmara que o descobrimento de Noronha seria o segundo (“novamente achada, diz a carta”...). Entretanto, para não deixar sem registro o equívoco de Rio Branco – desconsiderado por Garcia e inúmeros historiadores, inclusive contemporâneos – importa esclarecer que a expressão *novamente achada* não significa “de novo”, mas recentemente.



Figura 17: JANSZ, Harmen. *Brasilia*, 1604<sup>19</sup>.

A ilha também foi reconhecida por Gonçalo Coelho, quando comandava a esquadra mandada à *nova terra* pelo rei de Portugal, em 1503: “depois de refrescarem na ilha de Santiago, principal das de Cabo Verde, se encontraram, a 10 de agosto, em presença de outra ilha deles desconhecida, a qual era a mesma que, poucos dias antes, havia sido encontrada por Fernão de Noronha. (...) Em um cachopo próximo desta ilha naufragou a nau chefe; de modo que Gonçalo Coelho teve que passar-se com a demais tripulação a outro navio” (VARNHAGEN, s/d, pp 96 e 97). Finalmente, no *Esmeraldo de Situ Orbis* – dado à luz nos primeiros anos do século XVI –, Duarte Pacheco Pereira refere-se à *Ilha de São Lourenço*, justamente orago do dia 10 de agosto. Além dessas referências, a ilha aparece com o nome de *São João Batista*, no manuscrito Egerton (c. 1509).

No século XVII, a ilha foi ocupada pelos holandeses. A primeira vez, sob a liderança de Cornelis Cornelizoon, o *Perna de Pau*, por um breve período, ao qual se seguiu outra ocupação mais demorada (1635-1654), quando a ilha também serviu como ponto de parada para restaurar as forças dos navegadores, atingidos pelo escorbuto e pela desinteria sanguínea, após a longa travessia. Nos mapas holandeses de Seiscentos, a ilha chegou a aparecer com o nome de *Pavônia*, sendo rebatizada como *Dauphine*, ou *Dephine* pelos franceses que ali se estabeleceram, em 1736, a serviço da Companhia Francesa das Índias Ocidentais. Os franceses foram vencidos pelas forças pernambucanas, em 6 de outubro de 1737, restaurando-se, daí em diante, o domínio luso-brasileiro sobre a ilha e todo o arquipélago.

<sup>19</sup> De Harmen Jansz, cartógrafo de Edam, são conhecidos o *Mapa do Atlântico*, de 1604, e o *Mapa-múndi*, em seis pranchas, de 1606.

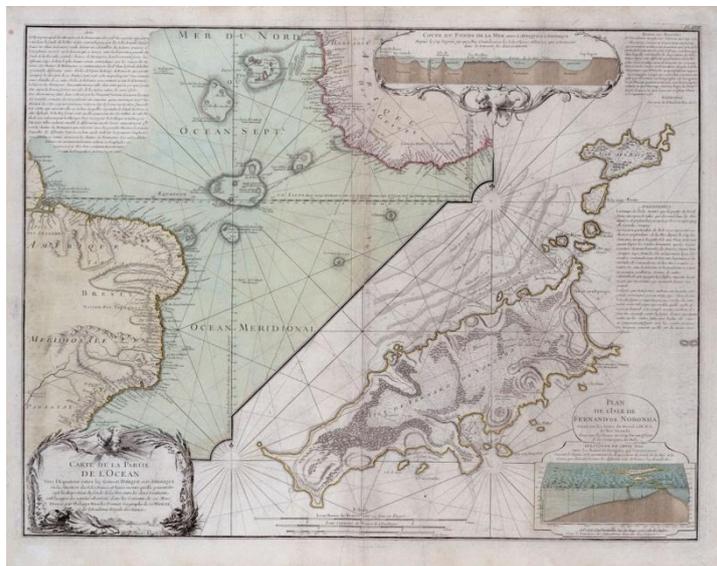


Figura 18: BUACHE, Philippe. Carte de la Partie de l'Océan vers l'Equateur  
entre les Cotes d'Afrique et d'Amerique...<sup>20</sup>

Enfim – especialmente no que se refere à borda litorânea do continente, aqui considerada sua porção nordestina –, enquanto o assédio de algumas nações européias, alternando momentos de maior ou menor intensidade, exigia a vigília constante de Portugal, para defesa de suas fronteiras, nas regiões mais centrais do território, outras lutas continuavam a ser travadas, com extrema violência. Dessas lutas não sobraram obras de arte, e seus resultados fortalecem, apenas, o duvidoso orgulho de quem se vangloria com a vitória numa guerra desigual.

### III - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, J. Capistrano de. *Capítulos de história colonial (1500 – 1800)* [primeira edição: 1907], Brasília: Conselho Editorial do Senado Federal, 1998.

ADONIAS, Isa. *Mapa – Imagens da formação territorial brasileira*. Rio de Janeiro: Fundação Emílio Odebrecht, 1993.

\_\_\_\_\_. “Olhando o mundo através de símbolos, cores e palavras”. In: MICELI, Paulo. *O tesouro dos mapas – a cartografia na formação do Brasil*. São Paulo: Instituto Cultural Banco Santos, 3ª reimpressão, 2004

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *História das lutas com os holandeses no Brasil desde 1624 a 1654*, Salvador: Livraria Progresso Editora, 1955 [1. ed. 1871].

\_\_\_\_\_. *História geral do Brasil – Antes da sua separação e independência de Portugal* [1ª ed., 1854], 3ª edição integral, tomo I (4ª edição), São Paulo: Companhia Melhoramentos de São Paulo, s.d

<sup>20</sup> O geógrafo e editor francês Philippe Buache (1700-1773), cunhado de De L'Isle, foi Primeiro Geógrafo do Rei (1721) e membro da Academia de Ciências (1729). O mapa aqui apresentado é da obra *Isles de l'Amérique*, de 1724.